

CENTRO BURNIER FÉ E JUSTIÇA INFORMA:

Boletim virtual - Número 02 (Abril de 2010) – Cuiabá (MT)

Acesse o site www.centroburnier.com.br

Expediente

Centro Burnier Fé e Justiça – CBFJ / SJ-CIAS

Rua Padre Remeter, 92 – Baú Cuiabá – MT Fone: (65) 3023-2959

Coordenador: João Inácio Wenzel

Assessoria de Imprensa:

Keka Werneck (DRT-MT 610) Fone: (65)9922-9445 keka.werneck@gmail.com

Sugestões: sugestoes@centroburnier.com.br

EDITORIAL

É evidente que uma das principais preocupações da humanidade é com o uso sustentável dos bens naturais, até por que sem eles a vida se tornará impossível.

No entanto, essa preocupação contraria o imediatismo do lucro máximo que o capital impõe.

Mas é sempre bom lembrar a cada catástrofe, a cada intempérie, que o futuro, neste caso, está a cada passo muito mais perto de nós.

Em Mato Grosso, interesses imediatos querem derrubar a floresta para as monoculturas do agronegócio e a pecuária. É por isso que o projeto de Zoneamento Socioeconômico Ecológico foi totalmente deturpado pelos deputados da Assembléia Legislativa de Mato Grosso.

Essa bandeira e outras serão erguidas dia 1º de maio na Romaria dos Trabalhadores. Concentração as 7h30, no Atacadão do Tijucal. **LEVE SUA BANDEIRA DE LUTA!**

FRASE

"O bravo não é quem não sente medo, mas quem vence esse medo". (Nelson Mandela)



CHARGE – Ano eleitoral...



Vamos apostar em candidatos de ficha limpa?

22ª ROMARIA

Marcha dos trabalhadores e trabalhadoras de Cuiabá irá percorrer dois quilômetros no próximo sábado por nenhum direito a menos e para marcar dia do trabalhador – 1º de maio



Será no próximo sábado, dia 1º de maio, a 22ª Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras, que marca o Dia do Trabalhador. Nesta data, homens e mulheres do Brasil todo saem em caminhada para cobrar seus direitos trabalhistas, humanos, de gênero, de raça, ambientais, sociais e outros. Em Cuiabá, a marcha de dois quilômetros será realizada na região do Coxipó. A concentração está marcada para as 7h30, no Atacadão do Tijucal, onde haverá um ato público.

O tema da Romaria deste ano é inspirado na Campanha da Fraternidade 2010, lançada na Quarta-feira de Cinzas, dia 17 de fevereiro, cujo tema é "Economia e Vida – Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro (baseado no evangelho de Mateus)".

A Romaria é organizada pelo Fórum Permanente de Lutas (FPL) que articula movimentos sociais e comunitários.

“É importante participar, inclusive quem nunca foi, para perceber que existem movimentos sociais organizados e para compreender que ainda hoje os trabalhadores mantêm a luta para que seus direitos sejam respeitados”, afirma Inácio Werner, do Centro Burnier Fé e Justiça, que integra o FPL. “Muitas vezes ficamos sozinhos em casa, sem saber como cobrar nossos direitos. É importante encontrar um grupo que tem os mesmos problemas que a gente e se organizar também”, orienta Werner, um dos líderes na luta contra o trabalho escravo em Mato Grosso.

Os indígenas, por exemplo, estão preocupados com os riscos de redução dos limites de reservas indígenas e a construção de usinas hidrelétricas próximas a aldeias e vão levar essas preocupações à Romaria. “Estamos em um processo de mudanças na legislação e estamos retrocedendo nos direitos indígenas. Essa caminhada é uma oportunidade para levarmos isso à população em geral, para que as pessoas, como nós, se manifestem sobre seus problemas”, diz Gilberto Viera dos Santos, coordenador regional Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Para Gilmar Soares, presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação de Mato Grosso, é fundamental falarmos sobre a economia voltada para a vida. “Nossa luta é para que a gente possa ter um reconhecimento do ponto de vista do trabalho e que o trabalho possa ser de fato humanizante e melhor remunerado, para que possamos ter mais vida e uma vida mais harmoniosa”, defende. “Vamos aproveitar a Romaria para lançar a campanha dos professores de Mato Grosso pelo piso salarial de R\$ 1.312”.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que neste abril faz as Jornadas de Lutas em todo o país

com o lema “Lutar não é crime!”, pretende, na Romaria, dialogar com as comunidades sobre os benefícios da reforma agrária. “Considerando as diversas crises, ambiental e econômica, o índice de desemprego, a incapacidade das cidades de se projetarem para atender às demandas de todos seus habitantes, a reforma agrária mostra um potencial para solucionar parte desses problemas, pois gera emprego, produz alimento a preços mais acessíveis e ainda possibilita o retorno de muitas famílias ao campo”, observa Lucinéia de Freitas, do MST-MT. “Então, no dia do trabalhador, é essencial pautar as demandas de todos os trabalhadores, empregados, desempregados e camponeses”.

A redução da jornada de trabalho sem redução de salário é a bandeira nacional que a Central Única dos Trabalhadores (CUT) irá levar à Romaria. O slogan dessa luta é “Reduz pra 40 que o Brasil aumenta” e se refere à jornada semanal. Conforme Jocelino Amorim, conselheiro fiscal da CUT-MT, isso abrirá novos postos de trabalho e resolverá em parte a questão do desemprego. Também reduzirá o cansaço crônico das pessoas, que estão exaustas porque têm que enfrentar longas jornadas. “Trabalhando menos, o brasileiro poderá se dedicar mais à família, aos filhos, lazer, melhorando sua qualidade de vida. Poderá também cuidar de si, buscar melhor qualificação, praticar esporte, descansar ou fazer o que achar importante”.

Durante todo o percurso, representantes desses movimentos vão levar suas reivindicações.

Após concentração em frente ao Atacadão do Tijucal, a caminhada sairá pela avenida do Espigão até a comunidade Sagrada Família.

MEIO AMBIENTE

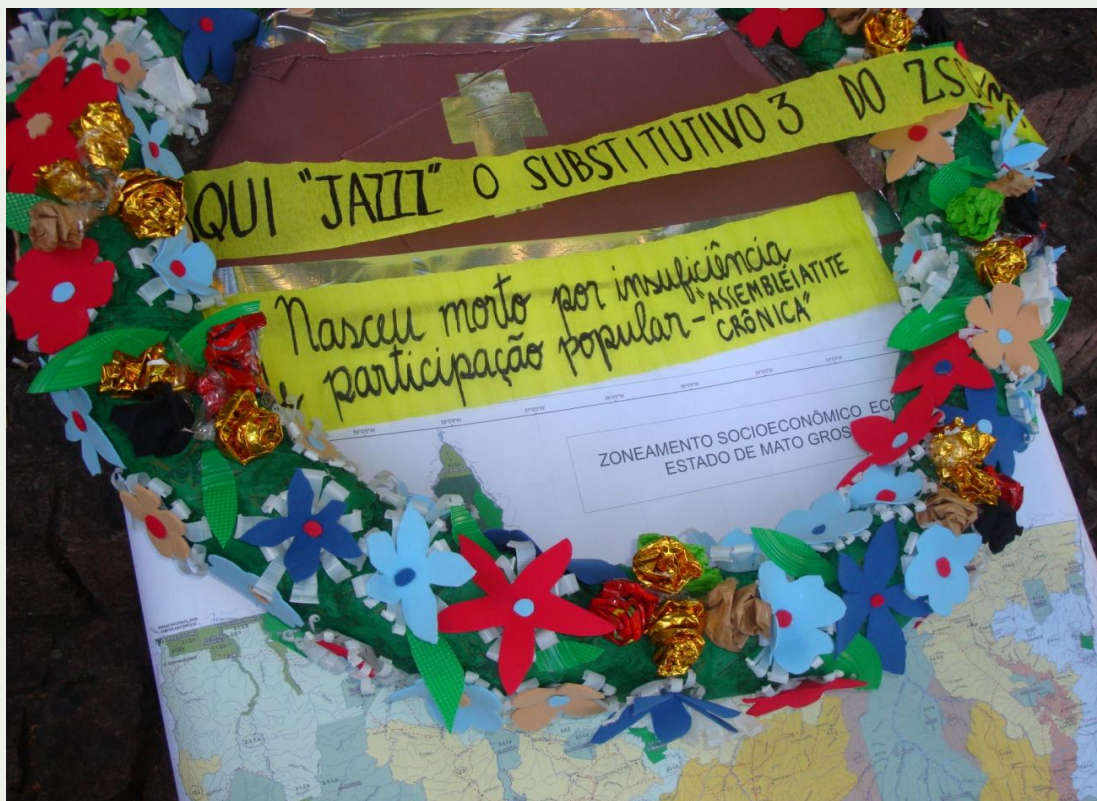
Movimentos Sociais realizam ato macro-ecumênico antiviolaência e protestam contra ZSEE/MT



Organizações não-governamentais, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e vários movimentos sociais organizados de Mato Grosso realizaram na terça-feira (20.04) um Fórum Macro-ecumênico em prol da não-violência. Com o tema "Terra: mercadoria ou vida", o evento ocorreu às 15h, na Praça Alencastro, Centro de Cuiabá. O Fórum contou com a presença de líderes de vários segmentos sociais, além de estudantes da Escola Estadual Liceu Cuiabano. Cerca de 200 pessoas compareceram ao ato, que teve como intuito, além de protestar contra a violência, também repudiar a aprovação do Zoneamento Socioeconômico Ecológico de Mato Grosso (ZSEE-MT), pela Assembleia Legislativa (ALMT), no último dia 30 de março.

O documento aprovado possui sérios problemas sociais, culturais e ambientais. Indígenas, indigenistas, artistas, estudantes, ecologistas, movimento negro, movimento dos Sem-Terra, e outras minorias estão revoltadas. Isso

porque, ele não contempla as principais reivindicações da sociedade civil presente nas audiências públicas e nos movimentos de participação popular durante o processo de consulta do ZSEE. Os manifestantes argumentaram que o documento é “uma aberração”, pois desrespeita critérios científicos, sociais e culturais, em detrimento, única e exclusivamente do avanço econômico desenfreado. Tanto é que na ocasião da manifestação realizaram um enterro simbólico, com caixão, flores e velas da ALMT e das vítimas do documento.



TRABALHO ESCRAVO

Está criado Fete e empossado conselho gestor

Tomaram posse na sexta-feira (23.04) membros das 12 entidades públicas e civis que fazem parte do Conselho Estadual Gestor do Fundo de Erradicação do Trabalho Escravo. Os conselheiros têm como principal missão administrar recursos do Fundo de Erradicação do Trabalho Escravo, oriundos especialmente de multas aplicadas em ações de combate à exploração deste tipo de trabalho.

Os membros são representantes de instituições do poder público e entidades não governamentais que trabalham no combate e erradicação do trabalho escravo em Mato Grosso.

Presidente empossado do Conselho Estadual Gestor do Fundo de Erradicação do Trabalho Escravo, Alexandre Bustamante dos Santos, disse que o dinheiro do Fundo será aplicado em três frentes: a prevenção, repressão e assistência ao trabalhador, para que ele não volte mais a situação análoga a escravo.

O Fundo Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo (Fete) tem por finalidade a reparação dos danos causados ao meio ambiente do trabalho, aos trabalhadores e à coletividade por infração aos direitos humanos e fundamentais. Foi criado pelo Governo de Estado de Mato Grosso pela lei nº 9291 publicada no Diário Oficial em 23 de dezembro de 2009.

É uma das ações da Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo (Coetrae), criada pelo Decreto nº 985, de dezembro de 2007, com vinculação à Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Mato Grosso (Sejusp).

Atualmente, 26 instituições, entre poder público e entidades não governamentais, integram a Coetrae em Mato Grosso. Entre elas, o Centro Burnier Fé e Justiça, a Pastoral do Migrante, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso (Sintep-MT), representando o Fórum Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo (Foete).

Com informações da Secom-MT. Leia mais:
<http://www.secom.mt.gov.br/>

ESPIRITUALIDADE INACIANA

Oficinas propõem reflexão sobre religiosidade e ética



Mística e prece antes dos estudos

O que é espiritualidade? Qual a função da Espiritualidade na sua vida? Qual é a sua missão de vida? Você conhece a história da espiritualidade cristã? Podemos ser éticos? Podemos tomar decisões conscientes? Como tomamos decisões? Essas são algumas das reflexões levantadas nas —**Oficinas de Espiritualidade Inaciana**, oferecidas pelo Centro Burnier Fé e Justiça (CBFJ) pelo terceiro ano consecutivo.

As oficinas têm um pouco de espiritualidade, teologia, história, antropologia e psicologia. Propõem o autoconhecimento e a mudança de postura, se for o caso. São abertas a todos e todas. E ocorrem de 15 em 15 dias, sendo realizadas aos sábado pela manhã e divididas em dois módulos. No primeiro módulo, tratam da compreensão do que vem a ser Espiritualidade. No segundo, aprofundam a compreensão de um discernimento situado em uma realidade concreta e pessoal de forma cidadã. Tudo isso dentro da proposta inaciana, herança deixada por Inácio Loyola. Horário das oficinas: 7h30 às 11h30. Local: CBFJ - Rua Padre Remeter, Baú. Telefone: 3023-2959. E-mail: secretaria@centroburnier.com.br

No dia 24.04 o tema foi Critérios de Discernimento (escolha). Assessoria: padre Hildo.

“O homem que não escolhe não é homem, apenas passa pela vida”, diz a advogada Arlene Lúcia Monteiro, da equipe de espiritualidade do CBFJ.

Temos que aprender a fazer escolhas e a responder por elas. Arlene faz parte da Equipe de Espiritualidade do Centro Burnier que oferece outras atividades, dentre as quais a Orientação de Exercícios Espirituais. O que é muito parecido com a conhecida meditação. Outra herança inaciana. Loyola registrou toda a sua caminhada, até se

ordenar padre, na intenção de melhor ajudar às pessoas. "Loyola compara os exercícios espirituais aos corporais, porque também necessitam de treino, exigem tempo e dedicação. É muito importante para nosso equilíbrio tirarmos meia hora do dia para o silêncio", sugere Arlene.

Discernimento na Perspectiva Ética

No sábado (10.04), o pesquisador Roberto Rossi, membro do Centro Burnier Fé e Justiça, falou sobre "Discernimento na Perspectiva Ética".

Segundo Roberto, muito já se usou essa palavrinha – "ética" – por isso ela está desgastada e esvaziada de sentido. Ele lembrou que a oficina propõe a reflexão sobre o sentido dessa palavra do ponto de vista do discernimento inaciano.

Para refletir sobre a ética, abre-se um campo filosófico.

Para Kant*, diz Roberto, devemos responder a quatro perguntas e perceber sob qual código de ética vivemos.

***Immanuel Kant** ou **Emanuel Kant** (22 de abril de 1724 a 12 de fevereiro de 1804) filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes. Certa vez disse: "**Toda reforma interior e toda mudança para melhor dependem exclusivamente da aplicação do nosso próprio esforço.**").

1- O que é o homem, o que é a mulher. E de modo particular, o que sou eu?

2 – O que devo fazer? Isso significa ação.

3 - O que posso saber? Isso significa como buscar o conhecimento.

4 - O que posso esperar? Pergunta que nos lança para um universo maior

- A VIDA ETERNA.

Conforme lembrou Roberto, para essas perguntas há muitas respostas e cada cultura tentou responder a essas quatro perguntas. E cada um de nós pode respondê-las também.

“A cada dia somos chamados a fazer escolhas, tomar decisões e a tomar posições. Na verdade não existe neutralidade. Nesse contexto de relações, marcado por fatos e acontecimentos, é que nós assumimos posturas e essas posturas podem ser favoráveis ou parcialmente favoráveis ou de discordância”, destaca Roberto.

Cada pessoa pode tomar atitudes certas ou incorretas, justas ou injustas, boas ou más. Porém, avisa Roberto, devemos tomar muito cuidado com esses binômios de palavras, porque as nossas escolhas são feitas a partir da visão de cada um e cada uma a respeito do mundo, a partir dos valores que recebeu da cultura, dos valores que recebeu do grupo social com o qual convive, de idéias próprias, de interesses pessoais. E o que vale aqui, pode não valer em outro lugar.

Por conta disso, existe a dúvida se é possível criarmos um código de ética universal, porque o que é bom para uma cultura pode não ser bom para outra.

Sartre*, citou Roberto, acredita na capacidade de todo indivíduo de escolher as suas atitudes, objetivos, valores e

formas de vida. Somos responsáveis pelos nossos atos. Há que se considerar, também, que as implicações de um ato sempre vão afetar alguém ou para o bem ou para o mal, portanto devemos aprender a assumir as consequências.

* **Jean-Paul Charles Aymard Sartre** (21 de Junho de 1905 a 15 de Abril de 1980) filósofo francês, escritor e crítico, conhecido representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade. Era um artista militante e apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra. Certa vez disse: **“O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós”**.

Para refletir ética, é preciso pensar sobre isso dentro do conjunto de relações humanas.

Para Dalmo Dallari* é preciso ainda pensar na filosofia do direito. Ele lembrou que somente nós, seres humanos, temos condições de nos perguntar sobre nós mesmos e distinguir entre o bem e o mal, justo e o injusto, o certo e o errado.

* **Dalmo de Abreu Dallari** (31 de dezembro de 1931) jurista brasileiro.

É Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Entre suas principais obras destaca-se *Elementos de Teoria Geral do Estado*.

“Naturalmente que o animal também faz ‘escolhas’, mas por instinto de sobrevivência. Ele sabe que tem situações em que se ele entrar morre. Nós, seres humanos, estamos para além disso”, lembrou Roberto.

Além disso, destaca ele, não estamos sozinhos nesse mundo, estamos sempre em relação com o outro, querendo ou não querendo.

Como dizia o discípulo Paulo*, eu sei o que é bom, mas eu não sei por que eu escolho o que não é bom.

São Paulo, bíblicamente conhecido como **Paulo de Tarso**, cujo nome original era Sha'ul ("*Saulo*") (Tarso, c. 9 — Roma, c. 64) é considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus ("Yeshua") e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Certa vez disse: **"Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém"**.

A palestra de Roberto levantou uma série de reflexões:

- A televisão "emburrece" e neutraliza nossos questionamentos, nos distrai, e as pessoas seguem sem questionar nada.

- Estamos condicionados a não questionar nada e quem questiona é imediatamente desqualificado como aquele que incomoda, o chato, o revoltado.

- Os jovens estão perdidos em meio a esse esvaziamento de valores. E, ao contrário do que podemos pensar, eles querem sim falar sobre isso.

- A questão ética está ligada à educação.

- A campanha insistente por um modo de vida único e não diverso faz com que as pessoas se rejeitem. **Você não quer ser você, mas uma atriz ou um modelo.**

Para Roberto, ao refletir sobre tudo isso não podemos pensar como Durkheim, que disse que existe um inconsciente coletivo que está fora de nós e que a cultura nos dita as regras, as mesmas que depois são transmitidas

ou legitimadas pela escola e a família, e esse inconsciente coletivo regula nossa vida.

Émile Durkheim (Épinal, 15 de abril de 1858 — Paris, 15 de novembro de 1917) é considerado um dos pais da sociologia moderna. Durkheim foi o fundador da escola francesa de sociologia, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É amplamente reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social.

Uma pergunta essencial, diz Roberto, é: “A gente tem a possibilidade de ser livre?”

Ele lembra que todos esses assuntos são delicados e que somos seres humanos inconclusos, em construção. “O que sou hoje já não serei amanhã. A gente não é, mas estamos sendo. Por isso que a ética é complexa”.

Hobbes*, lembrou Roberto, disse. “Eu não consigo entender. Se o ser humano aspira ser livre, porque ele se submete a outros?”

Thomas Hobbes (Malmesbury, 5 de abril de 1588 — Hardwick Hall, 4 de dezembro de 1679) foi um matemático, teórico político e filósofo inglês, autor de Leviatã (1651) e Do cidadão (1651).

Para Mo Sung*, diz Roberto, o ser humano mesmo condicionado pelo sofrimento ou mesmo vivendo em sofrimento, situação de exploração ou opressão, pode transcender a tudo isso. Por que é possível a gente sonhar com um futuro melhor.

Jung Mo Sung (Coreia do Sul, 1957 -) é um teólogo católico romano leigo, professor titular da Universidade

Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Desenvolve trabalhos em religião e educação, teologia e economia, igreja e sociedade, neoliberalismo, globalização e solidariedade. Sua reflexão teológica situa-se na corrente da teologia da libertação.

Outras idéias surgiram entre os participantes:

- Não somos felizes porque estamos escravizados pelo capitalismo. São mais felizes os povos que não se preocupam tanto com o amanhã, mas sim com o hoje.

- Jesus também tinha um modelo a seguir e pertencia a um grupo, mas conseguiu ser mais livre. As normas devem ser apenas um norte. E não devemos ser livres só para sermos livre. Liberdade deve ser um projeto de vida, para atender à coletividade.

- Há um condicionamento para agüentarmos uma série de agressões, e temos que lutar contra esse tipo de preconceito.

CULTURA 1

Videofórum ecumênico e pela paz revela religiões do mundo



“As religiões do mundo e a ética global”. Tratar desse tema é a proposta do videofórum que, dentro da perspectiva do ecumenismo e da campanha mundial pela paz, irá exhibir, às

quintas-feiras, de 6 de maio a 8 de julho, em Cuiabá, documentários sobre nove religiões, seguidos de debate, com a participação de representantes das religiões que serão abordadas. As exposições e os debates serão no Colégio Isaac Newton (CIN), do bairro Baú, das 19h às 21 horas, com entrada franca. Emissão de certificado pela UNISINOS/RS. Critério: 75% de presença. Leia mais:

http://www.centroburnier.com.br/2010/03abr/16_video_forum_religioes_mundo.html



Equipe de organização do videofórum

CULTURA 2

Teatro na periferia é 'arma' de transformação



Crianças e adolescentes reconhecem nas artes cênicas instrumental de cidadania

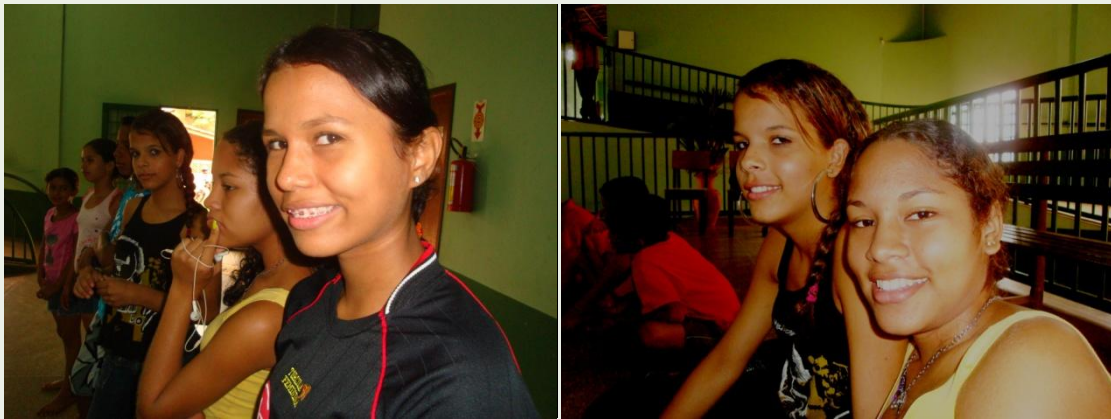


Yandra Firmo ministra oficina aos sábados, das 9h ao meio dia, para alegria da meninada e pensa o teatro como saída para questões sociais e porta de entrada na sociedade

Por Keka Werneck

Qual é o espaço que quero ocupar nesta sala? Qual é o espaço que quero ocupar na comunidade onde vivo? Qual é o espaço que quero ocupar no chão, no ar? Essas perguntas, feitas entre movimentos corporais bem soltos, fazem rir muito, gargalhar até, as 29 crianças e adolescentes, inscritas na oficina de teatro oferecida

gratuitamente pelo Centro Burnier Fé e Justiça (CBFJ), na creche Fé e Alegria, Centro Integrado da Criança e do Adolescente (Ceninca) do bairro Novo Paraíso II, periferia de Cuiabá. Feito minhocas livres, sonham meninas e meninos, filhos de faxineiras, pedreiros, balconistas, manicures, operários...o sonho do palco. "Não é sonho, é realidade", afirma a paranaense Yandra Firmo, 33 anos, mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Ela coordena a oficina aos sábados das 9h ao meio dia. No mestrado, Yandra apostou no teatro como instrumento de transformação de relações e de realidades. Com essa oficina, quer mais do que ensinar artes cênicas, mas mostrar instrumentos de autonomia e percepção para a vida.



Jaqueline tenta vencer timidez...e Franciele, potencializar o carisma

Jaqueline da Silva Mamoré, 12 anos, parece muito envolvida com o projeto. Através do teatro, talvez possa chegar a ser um dia o que deseja: modelo. "Todos me acham alta para a minha idade", explica. A voz doce e o rosto moreno de Jaqueline indicam que, a princípio, ela pode ser o que quiser e ter um bom futuro. Mas, pela dura

realidade social que vive, desconfia que algo pode dar errado. Jaqueline mora há um ano com o pai, que é armador em uma fábrica. A mãe dela mora em Brasília e por conta de ter que viajar muito não consegue levar a filha, que estava se atrasando nos estudos. Chegou a repetir o ano. A menina diz ter chorado muito no começo devido à separação forçada pelas circunstâncias, mas afirma que agora já se acostumou. Comunicativa e atirada, na escola vai bem em Língua Portuguesa. Na oficina de teatro, pretende aprender muito. Se identifica com o palco. O engraçado é que nunca teve oportunidade de assistir a uma peça se quer. Jaqueline, quer ser modelo...

As notícias sobre a oficina correm assim. Jaqueline ficou sabendo da oficina de teatro através da prima, Karolina Mamoré, 11 anos, que por sua vez ficou sabendo pela amiga Letícia Xavier, 11, irmã da Franciele Xavier, 15, que soube pela mãe dela, que é amiga de um funcionário da creche.

Karolina também mora com o pai e três irmãos. A mãe vive em Cuiabá, mas ela não sabe direito onde. Diz ter entendido os motivos da mãe para sair de casa e deixar os filhos, embora tenha sofrido bastante com isso. Um pouco tímida, pensa que com o teatro pode abrir seu coração e se expressar melhor, para um dia, quem sabe, chegar a ser pediatra.

Já Franciele, 15, não tem timidez nenhuma. Mora com a mãe e três irmãos. Não sabe por onde anda o pai, que deixou a casa na última gravidez da mãe dela. Apesar de tudo, ela acha a vida muito boa, tem muitos amigos e diz não se importar com coisas, tipo bolsas, roupas, sapatos. Segundo ela, tem outros motivos para ser feliz.

São muitas as histórias dos aprendizes de atores da oficina de teatro do Novo Paraíso II. E é com base nelas que uma peça será montada, uma ou mais. “Trabalhamos com essas urgências”, explica a diretora do grupo, Yandra Firmo, que por cinco anos foi atriz do Grupo Fúria, uma das expressões mais significativas do teatro contemporâneo em Cuiabá.

Urgência mesmo para essa moçada é falar sobre drogas. Yandra está impressionada como isso é relevante para eles. “Eles estão falando com a gente sobre essa preocupação e a gente precisa ouvir, fazer alguma coisa”, diz ela.

De tanto esse assunto se repetir nas aulas, foi o escolhido.

Na manhã do sábado, dia 24 de abril, a sala foi dividida em três grupos. A professora deu 15 minutos para cada um criar uma esquete. E lá vieram as crianças falando sobre o que? Drogas. O discurso sempre o mesmo. Um grupo se desvirtuando, sendo cooptado pelo tráfico, e os amigos tentando o resgate: não use drogas, não faça isso com vocês, vocês vão sofrer, etc. Porém, nas esquetes, não apareceram saídas concretas para este problema grave que interrompe, especialmente, a vida da juventude pobre.

Gravidez na adolescência é outro assunto que Yandra acha interessante de ser trabalhado ali. Outros temas irão surgir.

No final da oficina, chega Eduardo Henrique, 17 anos. Ele quer se preparar para fazer palestras na sua igreja. Diz ter a cabeça cheia de idéias, mas não sabe organizá-las e passar para as pessoas. Tem também, segundo ele, “vestígios de complexo de inferioridade”. O teatro pode ajudar nisso tudo. Eduardo ficou de voltar no sábado seguinte.

Uma parada para um lanche, com frutas, bolo e suco.

O método utilizado por Yandra é o teatro do oprimido, um conceito formatado por Augusto Boal. Ela utiliza também Jacob Moreno, um australiano que faleceu em 1974, autor que inspirou Boal. Após viver um ano no Amapá, Yandra estudou o teatro do oprimido em São Paulo. E assim ela vai sobrevivendo do teatro, acredita no teatro também como uma profissão, apesar da arte e da cultura, na opinião dela, ainda estarem relegadas ao último plano pelos governos.

Justamente em maio de 2009, há um ano, morria, no Rio de Janeiro, o dramaturgo e diretor de teatro carioca Augusto Boal, aos 78 anos, de insuficiência respiratória.

Mas enquanto Cuiabá corre aos sábados de manhã, Boal vive no Novo Paraíso II, através de Yandra e da turma que ela está preparando. É reconfortante saber que, apesar do caos de valores e da descrença, em um canto da periferia, crianças e adolescentes acendem, através do teatro, a vela da esperança.

FRASE

“Para os índios brasileiros, a terra não é um valor econômico, mas um bem essencial para sua sobrevivência. Isso é muito diferente da concepção dos que invadem áreas indígenas visando aumentar o patrimônio sem pagar pelas terras de que se apossam ilegalmente, sem consideração de ordem ética e sem respeito pela vida e pela dignidade dos seres humanos que são os índios.”

(Dalmo Dallari, jurista)



VÍDEO – Ouça “Assentamento” (Chico Buarque de Holanda)

<http://www.youtube.com/watch?v=IcuZCm1HcPQ&feature=related>



TERRA

MST-MT realiza ato para marcar Dia Internacional da Luta Camponesa e os 14 anos do Massacre de Eldorado dos Carajás

No dia 17 de abril, o saguão de entrada do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Mato Grosso, em Cuiabá, virou palco de uma peça teatral. Integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST), acampados ali desde o dia 12, encenaram o Massacre de Eldorado dos Carajás, em que morreram 19 sem terra, há 14 anos, no Pará.



Grupo encena chegada na terra e confronto com capangas...



Platéia se emociona diante de tantos corpos ao chão...



Sem terra interpreta poesia e se pergunta: que mal fizemos a Deus para merecer tanto sofrimento?



Em seguida, um culto ecumênico, realizado pelo padre Pedro, pastor Teobaldo Witter e irmã Cleufa, passou a mensagem da partilha do pão e do peixe e da necessidade da mudança de agenda, quando os fatos nos indicam para isso.

Lideranças de movimentos sociais prestaram sociedade aos camponeses, que agora estão acampados dentro do Incra.

Essas atividades estão dentro das Jornadas de Lutas realizadas pelo MST em abril.

ENTREVISTA – Patrício Duprat



‘ Vamos criar a Universidade da Paz em Mato Grosso ’

Patrício Duprat, 60, mora entre Curitiba (PR) e o campus avançado da Unipaz Mata Atlântica, que fica em uma comunidade rural no município Garuva (SC). É publicitário e professor de espanhol. Argentino, mora no Brasil desde 1967. Desde então, saiu do Brasil duas vezes, para morar no exterior, mas acabou voltando. De forma que entende que sua missão é mesmo aqui. Pela primeira vez em Cuiabá, onde esteve de 27 a 29 de abril, tomou um susto com o calor e com o inconsciente coletivo da região. Representando a Universidade da Paz (Unipaz), ele veio a Mato Grosso para fortalecer a idéia de instalação de um campus aqui. A Unipaz já existe em 28 locais do Brasil e em sete países – Brasil, Argentina, Equador, França e Inglaterra, Bélgica e Israel. Há ainda conversações com os Estados Unidos, Canadá e Moçambique. Em Cuiabá, Duprat usou a Tribuna Livre da Câmara de Vereadores e participou de uma audiência pública convocada pela Assembléia Legislativa, na tentativa de sensibilizar a sociedade local para essa idéia de paz, segundo ele, mais ampla e que não descarta conflitos, mas sim pensa o mundo de forma holística e harmoniosa. Duprat foi convidado pelo movimento Círculo da Paz. Leia a entrevista para entender melhor.

É a primeira vez que o senhor vem a Mato Grosso?

Sim, primeira vez.

E qual é a sua primeira impressão

Muito calor. Muito mesmo! (RS) Mas, para mim, a palavra Mato Grosso tem um outro sentido, além do calor. É uma palavra do outro planeta. Sou argentino, e o significado desta palavra fica muito longe de tudo para nós, designa um lugar muito cheio de coisas que a gente precisa aprender, não sei explicar... As palavras tropical e mata também têm esse simbolismo, ou seja, mexem com o inconsciente coletivo. A palavra mato não significa nada em espanhol. Aqui é um planeta a ser desvendado.

A idéia, com a sua vinda, é abrir um campus da Unipaz aqui?

Sim. O 29º campus do Brasil. Já existem também seis no exterior. Estamos conversando também com os Estados Unidos, o Canadá e Moçambique.

Onde surgiu a idéia da Unipaz?

Na França, alguém pensou em uma universidade a serviço da paz, uma pessoa de 17 anos, na segunda guerra mundial, justamente quando a França estava ocupada pela Alemanha nazista, era um enfermeiro da resistência. Ele foi convocado pelo exército para servir ao país. Mas resolveu ir para a Cruz Vermelha, porque desta forma cumpria com seu dever, mas não precisava matar ninguém. Ele entendeu que assim ficaria bem com Deus e com o diabo no dia do juízo final (rs)...Porém, quando ia dinamitar uma ponte...onde passaria nazistas...teve um lampejo...constatou tudo que se gasta na guerra, muita grana com tecnologia a serviço da guerra. Pensou então que era só mudar a sintonia desses investimentos, dando um giro de 180 graus. O nome dele era Pierre Weil. Já faleceu. Depois do lampejo e com o fim da guerra, resolveu ganhar a vida como psicólogo, dentro da visão do mundo capitalista. Foi trabalhar em uma multinacional, um banco francês aqui no Brasil, em Belo Horizonte (MG). Tinha uma boa formação acadêmica, era boa pinta, teve sucesso pessoal e profissional, reconhecimento, dinheiro, todas as benesses que o sistema capitalista pode oferecer.

Aí ele teve outro lampejo?(rs)

Não. Aí ai ele começou a se ferrar (rs). Começou com um processo de angústia muito grande e se descobriu com câncer. Atribui esse câncer a esse modelo de vida, fez um retiro na França para colocar cabeça em ordem, um retiro que ele chamou de retiro dos 3 anos, 3 meses, 3 semanas, 3 dias, num mosteiro tibetano. Reformulou a vida e pôs em prática aquele lampejo que teve durante a guerra.

É a história da missão. A gente às vezes foge ou sabe enxergar qual é a nossa missão, não é?

O tamanho da fuga é o tamanho da porrada para que possamos retornar à nossa missão. Mas a verdade é que a gente na maioria das vezes não tem a menor idéia de qual seja nossa missão. Fugir significa ir para longe de algo, mas normalmente a gente é muito desconectado mentalmente e não está fugindo, porque não se pode fugir do que se desconhece.

E o que Weil faz para resgatar sua missão?

Fala com duas pessoas, uma responsável por uma clínica de tratamento integral. Porque acredita que a visão fragmentada de mundo causou seu adoecimento. E fala também com uma mulher, diretora de uma escola de ensino de abordagem holística. Os três se vêem muito cansados e pensam: "Não estamos indo a lugar nenhum". Então decidem fazer uma escola holística internacional. Portanto, a idéia da Unipaz nasceu conceitualmente na França, mas eles sabiam que lá não ia rolar, porque a França é muito conservadora. O lugar escolhido foi então o Brasil.

A primeira foi Unipaz foi implantada aqui então?

Isso, em 1987, durante o primeiro congresso holístico internacional em Brasília. O governador Jose aparecido, que foi convidado como autoridade local ficou deslumbrado com a proposta e concedeu um terreno na Granja do Ipê, onde foi construída a sede da Unipaz, com o nome de . Fundação Cidade da Paz.

Os campus da Unipaz são mantidos com dinheiro público?

Não, geralmente os governos cedem o espaço. São mantidos pelas mensalidades. Todos os núcleos são auto-sustentáveis. Os cursos são pagos. Isso que nos mantém.

Como a Unipaz se espalhou?

Os que fizeram o curso inicial de 3 anos sempre, quando terminava, queriam levar o seu estado.

Quais cursos são ministrados na Unipaz?

A abordagem é transdisciplinar e holística de longa duração. É uma escola para mudança de paradigma.

Mas em resumir o que se estuda lá?

Consciência da fragmentação do corpo, fragmentação social, fragmentação ambiental. Ecologia pessoal, social, ambiental. E finalmente vocacional.

Quem dá as aulas?

Facilitadores.

Maioria estudou na Unipaz?

Maioria sim. Mas temos um índio, por exemplo, que representa as nações brasileiras na ONU e reconhecemos notório saber nele. Esses não precisam de ter estudado na Unipaz antes.

Os cursos são reconhecidos pelo MEC?

Todos os cursos são de pós-graduação. E os certificados são expedidos por instituições reconhecidas formalmente. Mas a Unipaz não é uma entidade certificadora. Tem parceria com outras instituições.

O foco da Unipaz é promover a paz?

É a mudança da paradigma. As pessoas estão mudando, exista a Unipaz ou não exista. Não podemos lidar com este planeta desta forma, é insustentável. Vou lhe dar alguns parâmetros para confirmar isso. Somos 6 bilhões de pessoas. O que chamamos de projeto de desenvolvimento é um fracasso, só atende a 1 bi. O resto é cada um por si. Apenas atendendo já essa menor parte já estamos arruinando os recursos naturais, não temos o que fazer com o lixo, colocamos o meio ambiente numa situação complicada, porque estamos perturbando o meio ambiente acima da sua capacidade de auto-equilíbrio. A paz é um conceito amplo. Paz e cultura de paz são duas

coisas diferentes. Compreender a paz só como ausência de conflito é reducionista. Tão reducionista quanto entender a saúde só como ausência de doença. Quando a gente pede: quero uma família em paz, não quer dizer que isso vai acabar com todos os conflitos. O ser humano precisa mais do que isso. Já a cultura de paz inclui a totalidade do ser humano, suas capacidades físicas, mentais, espirituais e emocionais. Se eu deixar de fora algum desses elementos o ser fica fragmentando. Então, nossa palavra de ordem é a totalidade.

Quando será fundada a Unipaz em Cuiabá?

Em 2010.

Já há conversas feitas nesse sentido?

Sim, todos os campus nasceram de uma idéia de foro íntimo de que isso aconteça. Sempre vivenciamos as coisas que nos chegam no momento certo e na hora justa. Aqui não será diferente. Temos as pessoas, as idéias e sabemos como fazer acontecer.

Acesse o site www.centroburnier.com.br